

ASPECTOS DO NOVO REGIONALISMO EM PEDRA CANGA DE TEREZA ALBUES

ASPECTS OF THE NEW REGIONALISM IN PEDRA
CANGA BY TEREZA ALBUES

Julianna Alves Bahia

Mestra em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso –
Brasil. Doutoranda em Estudos Literários na Universidade do
Estado de Mato Grosso – Brasil.

E-mail: julianna.bahia@unemat.br.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-3722-342X>

Jesuino Arvelino Pinto

Doutor em Estudos Literários pela Universidade do Estado de
Mato Grosso – Brasil. Professor Adjunto da Universidade do
Estado de Mato Grosso – Brasil.

E-mail: jesuino.pinto@unemat.br.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-4900-8292>

Thiago Monteiro do Carmo

Doutor em Estudos Literários pela Universidade do Estado de
Mato Grosso – Brasil.

E-mail: thiago.monteiro@unemat.br

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-7128-4977>

RESUMO: O objetivo principal desse trabalho é analisar o romance Pedra Canga (1987), de Tereza Albués, analisando como o regionalismo é apresentado na obra através das memórias da escritora e dos moradores de Pedra Canga, cidade situada no interior do Mato Grosso. Além disso, examina-se a relação das personagens com seu espaço onde vivem, observando a representação dos costumes dessa população, dentro da estrutura formal da narrativa. Pode-se inferir, portanto, que a obra estabelece um diálogo com temáticas e imagens da tendência regionalista, colaborando assim para as transformações que essa corrente tem experimentado por um longo período de tempo.

Palavras-chave: Regionalismo; Novo Regionalismo; Pedra Canga; Tereza Albués.

ABSTRACT: The main objective of this work is to analyze the novel Pedra Canga (1987), by Tereza Albués, analyzing how regionalism is presented in the work through the memories of the writer and the residents of Pedra Canga, a city located in the interior of Mato Grosso. Furthermore, the relationship between the characters and the space where they live is examined, observing the representation of the customs of this population, within the formal structure of the narrative. It can be inferred, therefore, that the work establishes a dialogue with themes and images of the regionalist trend, thus contributing to the transformations that this current has experienced over a long period of time.

Keywords: Regionalism; New Regionalism; Pedra Canga; Tereza Albués.

1 A TENDÊNCIA REGIONALISTA

Embora a corrente regionalista se faça presente na literatura brasileira desde o século XIX, ainda hoje existem debates entre os críticos literários a respeito da qualidade formal e estética dessa tendência. Diante da necessidade de criar uma identidade nacional, os escritores Românticos buscaram incorporar em suas obras elementos não só da população primitiva, mas também da fauna e flora brasileira, haja vista era o que parecia mais encantar o público europeu, por ser excêntrico e pitoresco.

Nesse contexto, a produção literária dessa época, em prosa ou em verso, buscou destacar os povos indígenas, suas crenças, seus costumes e sua cultura, além de enaltecer a floresta amazônica e suas riquezas naturais e silvestres. A maneira como os românticos organizavam suas obras foi alvo de críticas, porque eles representavam um Brasil perfeito e harmônico, esquecendo de mencionar os problemas relacionados a colonização europeia. Sobre esse aspecto Antonio Candido pontuou:

A literatura se fez linguagem de celebração e terno apego, favorecida pelo Romantismo, com apoio na hipérbole e na transformação do exotismo em estado de alma [...] A ideia de **prática** se vinculava estreitamente à de **natureza** e em parte extraía dela a sua justificativa. Ambas conduziam a uma literatura que compensava o atraso material e a debilidade das instituições por meio da supervalorização dos aspectos regionais, fazendo do exotismo razão de otimismo social (CANDIDO, 2000, p. 140, grifos do autor).

O teórico menciona em seu ensaio “Literatura e subdesenvolvimento” que não pretendia condenar a ficção regionalista a um lugar inferior e marginalizado, contudo, ele tencionava fazer uma análise da produção literária dos escritores brasileiros que utilizaram desse recurso em suas narrativas. Sobre o regionalismo na “fase da consciência de país novo”, aludindo-se ao Romantismo, o crítico atesta:

Atraso que, entretanto, no outro lado da medalha, propõe o que há de mais peculiar na realidade local, insinuando um regionalismo que, ao parecer afirmação da identidade nacional, pode ser na verdade um modo insuspeitado de oferecer à sensibilidade europeia o exotismo que ela desejava, como desfastio [...] (CANDIDO, 2000, p. 155-156).

Na tentativa de solucionar essa problemática, fase que Candido (2000) denominou “Consciência do subdesenvolvimento”, os modernistas tentaram reformular o modo como o nacionalismo seria denotado em suas obras. De maneira geral, a principal diferença é que os escritores desse período deixaram de lado a forma ufanista que os românticos representavam o país, buscaram, assim, demonstrar também as mazelas que o Brasil possuía.

Essa tendência foi mais acentuada na prosa produzida na década de 1930, na segunda fase modernista, momento em que os escritores nordestinos escreviam sobre o problema da seca e, conseqüentemente, da pobreza nessa região. Eram narrativas com grande valor estético e que traziam para o público discussões sobre uma população que sofria muito com a desigualdade social no Brasil. A esse respeito, o crítico afirma:

A consciência do subdesenvolvimento é posterior à Segunda Guerra Mundial e se manifestou claramente a partir dos anos de 1950. Mas desde o decênio de 1930 tinha havido mudança de orientação, sobretudo na ficção regionalista, que pode ser tomada como termômetro, dadas a sua generalidade e persistência. Ela abandona, então, a amenidade e curiosidade, pressentindo ou percebendo o que havia de mascaramento no encanto pitoresco, ou no cavalheirismo ornamental, com que antes se abordava o homem rústico (CANDIDO, 2000, p. 141).

Apesar de a crítica literária geralmente vincular o regionalismo a uma corrente obsoleta, e frequentemente percebida como uma tendência marginalizada dentro do contexto literário nacional, ele é uma tradição na literatura brasileira, advinda desde o século XIX e perdurando na contemporaneidade. Para Chappini (1995, p. 156), o regionalismo “é eminentemente moderno e universal” e que a presença dele na ficção hodierna não deveria causar surpresa.

Sob essa ótica, criou-se um estigma que essas obras possuíam um menor valor formal e estético, visto que as narrativas regionalistas estariam vinculadas ao espaço rural, ao homem do campo, carente de auxílio e de atenção. Como se fosse uma premissa de que qualquer história ambientada em determinada região, distante dos centros urbanos e culturais, fosse necessariamente de pior qualidade estética e formal. “Se o local e o provincial não são vistos como pura matéria mas, como modo de formar, como perspectiva sobre o mundo, a dicotomia entre local e universal se toma falsa” (CHIAPPINI, 1995, p. 158).

Para a pesquisadora, um modo de solucionar esse entrave, seria o suficiente distinguir as

obras boas das más, pois “naquelas, necessariamente, por menor que seja a região, por mais provinciana que seja a vida nela, haverá grandeza, o espaço se alargará no mundo e o tempo finito na eternidade, porque o beco se transfigurará no belo e o belo exprimirá no beco (CHIAPPINI, 1995, p. 157). Sobre a qualidade das obras da escritora mato-grossense, a estudiosa Nelly Novaes Coelho afirma que ela é uma

romancista de Linhagem rosiana, Tereza Albues comunga com aquelas ou aqueles que se entregam à criação de seus universos, como “viandantes” em busca do Conhecimento. Viandantes agarrados à Palavra, como a uma varinha mágica, capaz de desvendar o oculto por trás das aparências e dar “corpo” permanente à efemeridade das vivências (COELHO, 2002, p. 675).

Ainda de acordo com Chiappini (1995), o maior erro da crítica literária é considerar que o regionalismo seja uma tendência inerte. Para a estudiosa, ele deve ser pensado como uma tendência dinâmica e variável, e que ele “evolui. É histórico, enquanto atravessa e é atravessado pela história” (CHIAPPINI, 1995, p. 157). Além disso, ela afirma que o principal desafio dos escritores que fazem uso dessa prática “é tornar verossímil a fala do outro de classe e de cultura para um público citadino e preconceituoso [...]” (CHIAPPINI, 1995, p. 157). E, segundo uma estudiosa de Milton Hatoum, é “através de sua estranheza e de seu deslocamento, sua ficção abre espaço e faz com que se ouçam vozes nativas, reprimidas, as vozes daqueles considerados como afásicos culturais” (Cury, 2009, p. 46).

2 AUTORA E OBRA

Tereza Albues nasceu em agosto de 1936, na cidade de Várzea Grande, no Mato Grosso. Após passar sua infância e adolescência deslocando-se entre pequenas cidades do interior do estado, mudou-se para o Rio de Janeiro e formou-se, na UFRJ, em Direito, Jornalismo e Letras. Na década de 1980, a escritora fixou residência nos Estados Unidos, em São Francisco e Nova York, onde faleceu em outubro de 2005. Nota-se na escrita da autora, mesmo morando em outro país, um aparente interesse na pluralidade da cultura brasileira, principalmente, pelos costumes regionais do Mato Grosso. Percebe-se particularidades na linguagem utilizada pelas personagens e nos costumes representados ao longo das narrativas. Reconhece-se também aspectos do folclore dessa região, além de crenças dessas populações interioranas, como no trecho abaixo:

— **Mas pelo menos a nhanhã aceita um guaranazinho?** — Perguntou num tom carinhoso. **Como podia não aceitar? Sabia que era muito importante para Marcola** e eu também me sentiria bem mais à vontade pra começar o nosso papo. **Era uma espécie de ritual que nos colocaria na mesma dimensão.** Falante-ouvinte usando o mesmo código pra se chegar a um ponto esclarecedor dos fatos (ALBUES, 2019, p. 33, grifos nossos).

É possível perceber um certo padrão de temática e estilo de escrita nas obras da escritora mato-grossense. De maneira geral, as histórias são envolventes, entrelaçando situações reais e sobrenaturais, resgatando memórias não só de outrem, mas também da própria escritora. As marcas regionais permanecem constantemente presentes na

obra de Albues, como se ela, mesmo tão longe, estivesse rodeando seu lugar de origem: “Lado a lado com Marcola, correnteza das águas cristalinas do **rio Coxipó** batendo nas pernas, senti o corpo leve, saí de mim e fui caminhar na beira do rio” (ALBUES, 2019, p. 140, grifo nosso). Além de abordar problemáticas sociais vivenciadas por muitos, em um país com tantas desigualdades sociais, como o Brasil:

Frutas em abundância. — Pra que tudo aquilo se eles não vendiam, não davam, não comiam? As frutas amadureciam, caíam no chão, apodreciam sem serem tocadas. Uma afronta! **Especialmente tendo em conta que em Pedra Canga a maioria das pessoas eram pobres**, com muitos filhos, o rendimento da família mal dando para o feijão e arroz diário (ALBUES, 2019, p. 30, grifo nosso).

A narrativa de *Pedra Canga*, o primeiro romance de Tereza Albues, concentra-se na vida dos Vergare. Todo o enredo envolve algum aspecto da vida dessa família, que é a representação dos grandes latifundiários residentes do interior do Mato Grosso. Sob essa ótica, a ambientação, os diálogos e as personagens reforçam as singularidades desses pequenos lugarejos. Nessa perspectiva, convém destacar que a crítica literária “frequentemente esquece que é o seu espaço (regionalista) histórico-geográfico, entranhado e vivenciado pela consciência das personagens, que permite concretizar o universal” (CHIAPPINI, 1995, p. 157).

Associado a expressão do regionalismo, Chiappini (1995) chama atenção a respeito do termo regionalidade, que é um espaço vivido e subjetivo, como aponta, inerente à estrutura do texto, dessa forma, o regionalismo, destaca como o espaço, os costumes e os hábitos de vida de uma determinada região se

internalizam nas personagens e no enredo, revelando a profunda integração desses elementos na história narrada. No prefácio de *Pedra Canga*, o renomado editor Ênio Silveira faz uma reflexão sobre o aspecto da regionalidade na obra de Albues.

Está claro que regional, aqui, não se deve tomar em sentido meramente geográfico, mas no contexto de sua amplitude microcômica, que a um só tempo abrange as características materiais e humanas, culturais e psicológicas que definem uma determinada região ou comunidade, bem como o comportamento social daqueles que ali nasceram, ou a ela se aclimataram (ALBUES, 2019, p. 13).

A partir do momento em que Tereza albues publica *Pedra Canga*, em 1987, ela não narra a história singular de Mato Grosso, mas sim a história das disparidades da sociedade brasileira. Conta, que os detentores do poder político e econômico, cometeram diversas crueldades com moradores de regiões menos favorecidas do país, com a finalidade de enriquecimento próprio. As custas da exploração e escravização de indígenas, negros e ribeirinhos, eles acumularam riqueza e, conseqüentemente, poder: “— Mas foi criada como escrava. Eles sempre judiaram muito com ela, castigos e surras todo dia em cima da pobrezinha — ressaltou Felícia” (ALBUES, 2019, p. 48).

O passado dos pedracanguenses e o presente da personagem Tereza são entrelaçados na trama de *Pedra Canga*. É através da memória dessa população que a narradora-personagem pretende escrever seu primeiro romance. “— Ela é uma escritora e está recolhendo dados para escrever uma novela — voz essa que eu jamais consegui identificar” (ALBUES, 2019, p. 58). E é também através dele, fazer denúncias

sociais que, infelizmente, ainda acontecem em nosso país.

Ademais, observa-se no enredo de *Pedra Canga* que a narrativa se desenvolve entorno das práticas de crueldade, maus-tratos e exploração da família Vergare, em troca de poder e riqueza. Apesar disso, a escritora dá voz aos pedracanguenses, aqueles que foram oprimidos, e não aos Vergare, pois a intenção era silenciar os exploradores daquela terra e daquele povo.

3 O NOVO REGIONALISMO

Após inúmeras discussões, o conceito de regionalismo literário ainda possui controvérsias, e também ainda está bem longe de ser uma assunto superado e esquecido, pelo contrário, ainda está presente em muitas obras na atualidade. Em seu artigo intitulado “Realidade e representação no romance regionalista brasileiro: tradição e atualidade”, Santini (2014, p. 121) enumera dois questionamentos importantes sobre a tendência regionalista no Brasil hodierno:

O primeiro deles é: “como pensar a presença do dado regional na prosa contemporânea? E o segundo é a representação do real, em narrativas que tratam de “territórios extremos”, dá-se de maneira semelhante ao que definiu a narrativa de 30 ou, em outra direção, à produção de João Guimarães Rosa?”

Segundo Santini (2014), é relevante observar que, desde o fim da década de 1980, no século XX, sem insistir na oposição entre rural e

urbano, partindo de uma ideia exclusiva e unicamente geográfica, o cenário do sertão ou de regiões mais distantes do núcleo Rio de Janeiro – São Paulo, ressurgiu com vigor na ficção. Foi exatamente nesse período que Tereza Albuês escreveu seus romances. *Pedra Canga*, por exemplo teve sua primeira publicação em 1987, pela editora Philobiblion. Vale destacar que essa obra teve uma publicação em inglês, traduzida por Clifford E. Landers, em Los Angeles, nos Estados Unidos.

Convém resgatar a ideia pontuada por Chiappini (1995) de que é necessário compreender como o regional suplanta o universal, e “ver como o universal se realiza no particular, superando-se como abstração na concretude deste e permitindo a este superar-se como concreto na genialidade daquele” (CHIAPPINI, 1995, p. 158). Assim, em relação às questões sociais levantadas em *Pedra Canga*, é notório que elas não são um problema específico experimentado por populações ribeirinhas do Mato Grosso. Como, por exemplo, no excerto a seguir: “Afinal um tronco comum os unia — pobreza. Vinham todos de família paupérrimas, mal nutridos, viviam de barraco de adobo, muita gente, pouca comida, nenhum conforto, muito sofrimento, nenhum amanhã” (ALBUÊS, 2019, p. 36). Em grandes cidades, é bastante comum esse tipo de situação.

Percebe-se também a concepção sobre o novo regionalismo, no romance de Albuês, definida por (SCHØLLHAMMER, 2005, p. 78) como aquela em que o escritor “preserva o olhar sobre sua região de origem e mostra forte interesse pela narrativização épica de sua história, assim como pela inclusão de características linguísticas específicas nas construções das personagens [...]”. Sutilmente, Albuês menciona hábitos comuns da

população natural de Mato Grosso, como por exemplo:

Naquela mesma tarde resolvi indagar da própria Marcola. Fui encontrá-la no seu casebre à beira do **rio Coxipó**, de manhã cedinho, acorada no batente da porta, **tomando guaraná** - um costume local que os velhos conservavam como religião, outros orgulhosamente chamavam “meu vício”. Meu avô Zé Garbas costumava falar: – Se eu não tomar o meu guaraná de manhã, eu não sou ninguém pro resto do dia (ALBUES, 2019, p. 32, grifos nossos).

Sob esse viés, SCHØLLHAMMER (2005) alerta que um dos obstáculos relacionados à construção do novo realismo está em combinar o conteúdo do enredo com a estrutura múltipla e complexa da narrativa. Em Pedra Canga, Albues supera esse obstáculo com maestria. Há elementos que configuram um lugar típico do interior do Brasil, além de personagens caricatas, como o pescador, o bêbado, a parteira, a benzedeira, a beata solteirona, o velho sábio, o proprietário do boteco e da venda, há também o rio que corta a cidade, o bar, a igreja, a praça, tudo isso para reforçar a identidade de Pedra Canga como um povoado interiorano. Como o exemplo de Marcola, a espírita conselheira:

Ela fechou os olhos e ficou lá parada, durante tanto tempo que eu pensei que ela tinha se esquecido de mim. Não sabia o que fazer. Não tinha coragem pra interromper aquele silêncio, mas a minha ansiedade era tamanha que comecei a rabiscar nervosamente meus apontamentos quando ouvi claramente a voz de Marcola: – Não vai dar não, nega. Meus guias não me deram licença pra falar hoje. Volta outro dia (ALBUES, 2019, p. 34).

Por muitas vezes, são pelos diálogos entre a narradora e as mais variadas personagens que compõem a narrativa que o leitor começa a construir um fio condutor da história. Como o enredo é repleto de mistérios que envolvem diretamente o Dr. Victório Vergare, toda a sua família, e a Chácara Mangueiral, o leitor precisa destinar uma especial atenção aos pequenos detalhes deixados no decorrer dessas conversas, para compreender melhor cada acontecimento. Dessa forma, as personagens apresentam dada relevância nessa trama, pois é pelo olhar de cada uma delas que conhecemos as diferentes percepções sobre os conflitos da obra. É o que se pode observar na fala de Maria Berlamina:

Não era noite não. Tudo aconteceu por volta das três horas da tarde. O mundo escureceu de repente, de modo que a gente precisou acender lamparina pois naquele tempo não tinha luz elétrica, não senhora. O temporal foi feio e não foi desses mandados por Deus. Tinha força maligna comandando a ventania (ALBUES, 2019, p. 19).

Diante das diferentes personagens citadas, e das características determinadas a elas, nota-se que Tereza Albues procurou mencionar uma população, e não necessariamente um tipo específico de pessoa ou personagem. Percebe-se, ainda, que essas personagens são tipos comuns encontrados nas localidades do interior, não só do Estado de Mato Grosso, mas do Brasil como um todo. São famílias comuns, com relatos de vida parecidos, com dificuldades e vivências similares e exploradas economicamente. Neste trecho da obra analisada nesse artigo, observa-se uma problemática universal: “Essas crianças viviam soltas no mundo a deus-dará. Os pais precisavam trabalhar e não com quem deixá-las. Os mais velhos cuidavam dos mais novos.

Cedo aprendiam a ‘se virar’ por conta própria” (ALBUES, 2019, p. 36).

Associada as personagens, a ambientação nessa trama reafirma ainda mais o comprometimento da escritora em resgatar e conservar tanto as tradições culturais quanto os costumes da população mato-grossense. Em *Pedra Canga*, Albues utiliza-se de fatores externos à narrativa na construção dos fatores internos, pois observa-se que ela não procura analisar o elemento social em si mesmo, porém associá-lo à produção do enredo. Assim, nota-se similitudes com o conceito de “realismo novo” definido por (SCHØLLHAMMER, 2005, p. 54):

O novo realismo se expressa pela vontade de relacionar a literatura e a arte com a realidade social e cultural da qual emerge, incorporando essa realidade esteticamente dentro da obra e situando a própria produção artística como força transformadora.

A escritora utiliza-se de cada particularidade das personagens, com os dialetos próprios dessa região, cita os costumes, o folclore e as crenças desse povo, criando, dessa forma, um cenário típico de uma população do interior do Mato Grosso. No entanto, tudo isso é feito de forma tênue, não é o foco do enredo, mas sim um dos vários recursos usados para contar a história dos Vergare. Dessa forma, o espaço em que é narrado *Pedra Canga*, não se apresenta como um cenário obrigatório para a discussões dos outros assuntos presentes na obra. Identifica-se esses elementos na passagem em que Marcola abençoa Tereza, no dia do seu aniversário:

— Que a sua vida seja ensolarada como um dia de agosto e seus olhos possam ver os muitos caminhos nas **palmas das palmeiras** [...] — Que o **buriti verde** derrame óleo nos seus pés pra

que a terra jamais lhe seja áspera [...]— Que a **garça branca do Pantanal** possa lhe apontar o ninho da claridade onde o canto da vida não tem entardecer (ALBUES, 2019, p. 40, grifos nossos).

Nesse contexto, reconhece-se também a definição de redução estrutural elaborada por CANDIDO (2015, p. 9), conceituada como “o processo por cujo intermédio a realidade do mundo e do ser se torna, na narrativa ficcional, componente de uma estrutura literária, permitindo que esta seja estudada em si mesma, como algo autônomo”. Assim, “o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno” (CANDIDO, 2014, p. 14).

É interessante ressaltar que o crítico literário procura analisar como as temáticas sociais e culturais, externas ao texto são incluídas na narrativa, e que a redução estrutural é a técnica por meio da qual a sociedade é integrada à estrutura da narrativa. Vale destacar, contudo, que o estudo de Candido considera o imaginário e o simbolismo próprio da literatura, além dos elementos estéticos que estruturam o conteúdo em uma maneira particular. Por esse ângulo, identifica-se a reflexão de (SCHØLLHAMMER, 2005, p. 79) [...] a respeito desse modo de escrita: “de que maneira a literatura contemporânea procura criar efeitos de realidade, sem precisar recorrer à descrição verossímil ou à narrativa casual e coerente”.

Nesse sentido, pode-se identificar tais características no romance de Albues, visto que a escritora não só se utiliza de elementos externos para construir sua narrativa, como ainda insere elementos sobrenaturais em meio aos momentos de tensões da trama. Convém

mencionar também que esses elementos são inseridos respeitando a cultura e/ou costumes da população local de Pedra Canga. Como na fala de Tomasão, quando começa a contar um fato que aconteceu com seu pai: “— Bom, primeiramente, tenho que dizer que os Vergare têm mesmo pacto com o Zebu. Não tem outra explicação para o que aconteceu com meu pai” (ALBUES, 2019, p. 21). Dessa forma,

[...] é preciso entender melhor a exploração do recurso poético, na linguagem do romance, como produção performática dessa realidade, como procura de efeitos de realidades que ultrapassam a ilusão referencial do realismo, introduzindo o real na escrita (SCHØLLHAMMER, 2005, p. 80).

Dentre os elementos externos, encontram-se a exploração dos povos ribeirinhos, a posse ilegal de terras, o abuso de poder por parte dos latifundiários. Paralelo a isso, internamente, esses elementos são representados pela população que compõe o enredo, e a família Vergare. Por essa ótica, é notória a premência da população em tentar destruir totalmente o casarão dos Vergare, a Chácara Mangueiral, e tudo que pudesse lembrar as atrocidades que a família cometeu por muito tempo.

Cada detalhe do enredo gira em torno do elemento central, a chácara e o casarão construído no meio do terreno. As maldades cometidas pelos membros da família são mencionadas aos poucos, no decorrer dos fatos narrados. São pequenas menções feitas que levam o leitor a entender o quão desumanos eram os proprietários do Mangueiral. “Meu pai contou que os donos do Mangueiral sempre tiveram poder e riqueza. Terras a perder de vista no **Pantanal**, gado e uma infinidade de escravos mas que o povo falava que tudo tinha sido ‘mal adquirido’” (ALBUES, 2019, p. 43).

Assim, a crítica literária deveria abandonar a concepção de que a tendência regionalista é inferior, quanto a temática e estrutura, retirando-a da posição periférica que foi colocada por um extenso período de tempo. Fazendo com vários escritores brasileiros renegassem essas tendências em suas obras. Para CHIAPPINI (1995, p. 158, grifos nossos):

A função da crítica diante de obras que se enquadram na tendência regionalista é, por isso, **indagar da função que a regionalidade exerce nelas; [...] é perguntar como a arte da palavra faz com que**, através de um material que parece confiná-las ao beco a que se referem, algumas alcancem a dimensão **mais geral da beleza** e, com ela, **a possibilidade de falar a leitores de outros becos de espaço e tempo**, permanecendo, enquanto outras (mesmo muitas que se querem imediatamente cosmopolitas, urbanas e modernas) se perdem para uma história permanente de leitura.

A escritora mato-grossense, cria uma romance com um significativo valor estético, com uma escrita, que ao mesmo tempo é simples e complexa. Albués utiliza uma linguagem sem grande rebuscamento, com a ausência proposital de pontuação, principalmente, de vírgulas, a fim de trazer leveza ao romance, porém isso não compromete a qualidade do seu texto. Conforme observado na passagem a seguir: “Nessa noite a novidade se espalhou mais. Livremente, de casa em casa, atravessou os limites de Pedra Canga, chegou no Barro Fundo, Despraiado, Várzea Grande e foi se avolumando de tal maneira que virou correnteza de rio” (ALBUES, 2019, p. 63).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destarte, o romance Pedra Canga se organiza a partir de dois elementos distintos: por um lado é narrada a jornada coletiva da pequena população de Pedra Canga, na tentativa de exterminar com a propriedade dos Vergare e juntamente com isso, enterrar, literalmente as atrocidades cometidas por essa família, além de acabar com a sensação de medo que os moradores conviviam diariamente. O sentimento era recíproco entre os moradores: “[...] não se conformavam com a arrogância dos Vergare. Manifestada ou não, a revolta era evidente. Um sentimento acumulado durante anos, ganhando corpo, crescendo, questionando. Até quando isso vai durar, meu Deus do Céu?” (ALBUES, 2019, p. 36).

Por outro lado, temos a trajetória particular da jovem Tereza, uma escritora que retorna a sua cidade, para ouvir as pessoas mais antigas daquela cidadezinha, com o fito de escrever seu primeiro livro. “— Ah, então temos aqui hoje a visita da nossa escritora? [...] tratei logo de explicar que não me considerava uma escritora, não tinha publicado nada ainda, só estava passando para o papel algumas ideias ...” (ALBUES, 2019, p. 124-125).

Desde o início do enredo, fala-se na morte do Dr. Vergare e do desaparecimento dos demais membros da família, no entanto, em momento algum a escritora dá voz a nenhum deles, pois o interesse é dá notoriedade ao povo humilhado e escravizado daquela região. Este tipo de comentário que se ver ao longo da narrativa: “— Isso é ruindade. É só pra dar inveja pra todo mundo e mostrar poder. Mas um dia isso vai ter que mudar — disse Ezequiel, o Ermitão [...]” (ALBUES, 2019, p. 36).

O povo querendo se livrar das amarras de opressão.

A história de Pedra Canga não é uma particularidade acontecida apenas por moradores no interior de Mato Grosso, mas um problema universal de opressão, escravidão e exploração. “E nada melhor pra unir as pessoas do que a existência de um obstáculo comum a vencer. No caso, a Chácara Mangueiral, um desafio gritante até para os olhos de um cego” (ALBUES, 2019, p. 36).

Nota-se que a elaboração formal e organização estética do primeiro romance de Albués é indiscutível. A escritora mato-grossense elabora sua narrativa a partir de suas memórias, e da ambientação do lugar onde viveu boa parte de sua vida. Porém, os elementos regionais, como o uso do pó de guaraná, os nomes dos rios de Mato Grosso e também o uso da cultura local, não é a causa da narrativa e sim um dos diversos recursos literários existentes para contar a história de sofrimento de muitas pessoas que passaram por esse processo de exploração no Brasil, enriquecendo ainda mais seu texto

Referências

ALBUES, Tereza. **Pedra Canga**. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1987.

ALBUES, Tereza. **Pedra Canga**. Cuiabá: Entrelinhas, 2019.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e subdesenvolvimento**. In: CANDIDO, Antonio. A educação pela noite & Outros Ensaios. São Paulo: Editora Ática, 2000. p. 140-162.

CANDIDO, Antonio. **Crítica e sociologia**. In: CANDIDO, Antonio. Literatura e Sociedade. 13 ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2014.

CANDIDO, Antonio. **Dialética da Malandragem**. In: CANDIDO, Antonio. O discurso e a cidade. 5ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2015.

COELHO, Nely Novaes. **Dicionário crítico de escritoras brasileiras (1711-2001)**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

CHIAPPINI, Lígia. “**Do beco ao belo**: dez teses sobre o regionalismo na literatura”. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, 1995, p. 153-159. Disponível em: Acesso em: 21 jan. 2024.

CURY, Maria Zilda Ferreira (2009). Topografias da ficção de Milton Hatoum. In: RAVETTI, Graciela; CURY, Maria Zilda Ferreira; ÁVILA, Myriam (Org.). Topografias da cultura: representação, espaço e memória. Belo Horizonte: Editora UFMG. p. 41-62.

SANTINI, Juliana. **Realidade e representação no romance regionalista brasileiro**: tradição e atualidade. O eixo e a roda, Belo Horizonte, v. 23, n. 1, p. 115-131, 2014. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/5908. Acesso em: 28 jan. 2024.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. **Os novos realismos na arte e na cultura contemporânea**. In: PEREIRA, Miguel; GOMES, Renato Cordeiro; FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de. Comunicação, representação e práticas sociais. Rio de Janeiro: EdPuc, 2005.